

OCTÓGONO

Revista Capitular Templária

Ordem do Templo

Año VI Nº 3

Julho 2021

A RESPIRAÇÃO E SEUS MISTÉRIOS

Uma análise desde a
ciência e o esoterismo.

Frs+ Arratia e Pescio



MARIA MADALENA

Sor+ Ana Paula Amaral

PODER MENTAL

Fr+ Claudio Fuentes

J.S. BACH

Janela Cultural do Templo

ASTROLOGIA

Fr+ David Díaz

Editorial

“**E**ntão YHVH Deus formou o homem do pó da terra e soprou vida em suas narinas; e o homem era um ser vivente”(Gênesis 2: 7). Com essa passagem da escritura lembrada, vale a pena apresentar o número atual da Octógono. O que é a respiração, um fenômeno tão automático e para muitos simplesmente já está resolvido? É o que nos liga à vastidão do cosmos, nada menos. Um sinal palpável de que o ser individual, com quem nos identificamos sem pensar duas vezes, é apenas uma exalação do céu acima de nossas cabeças. O "eu" é um sistema efêmero que, do ar compartilhado por todos os seres da Terra, vive o mistério da experiência pessoal. Ele nasce, ama, sofre e morre com todo o seu ser, embora para os ciclos da natureza esse processo seja algo tão curto quanto um suspiro. A lição que você, caro leitor, pode assimilar desta breve introdução, é que o ar nos lembra de nossa identidade coletiva dentro de um todo harmonioso. Nesse paradigma, todos nós somos pequenas engrenagens da sabedoria oculta que move os elementos da natureza. Mas, também somos algo importante, sem dúvida. A nossa existência pessoal é também aquela que faz sentido no meio da incerteza, pois reflete a persistência dos elementos naturais para nos tornarmos autoconscientes, explorando a surpreendente multiplicidade que nos encanta.



Maria Madalena e a Representatividade Feminina no Evangelho

Sor+ Ana Paula Amaral

Uma civilização em que as mulheres não existiam

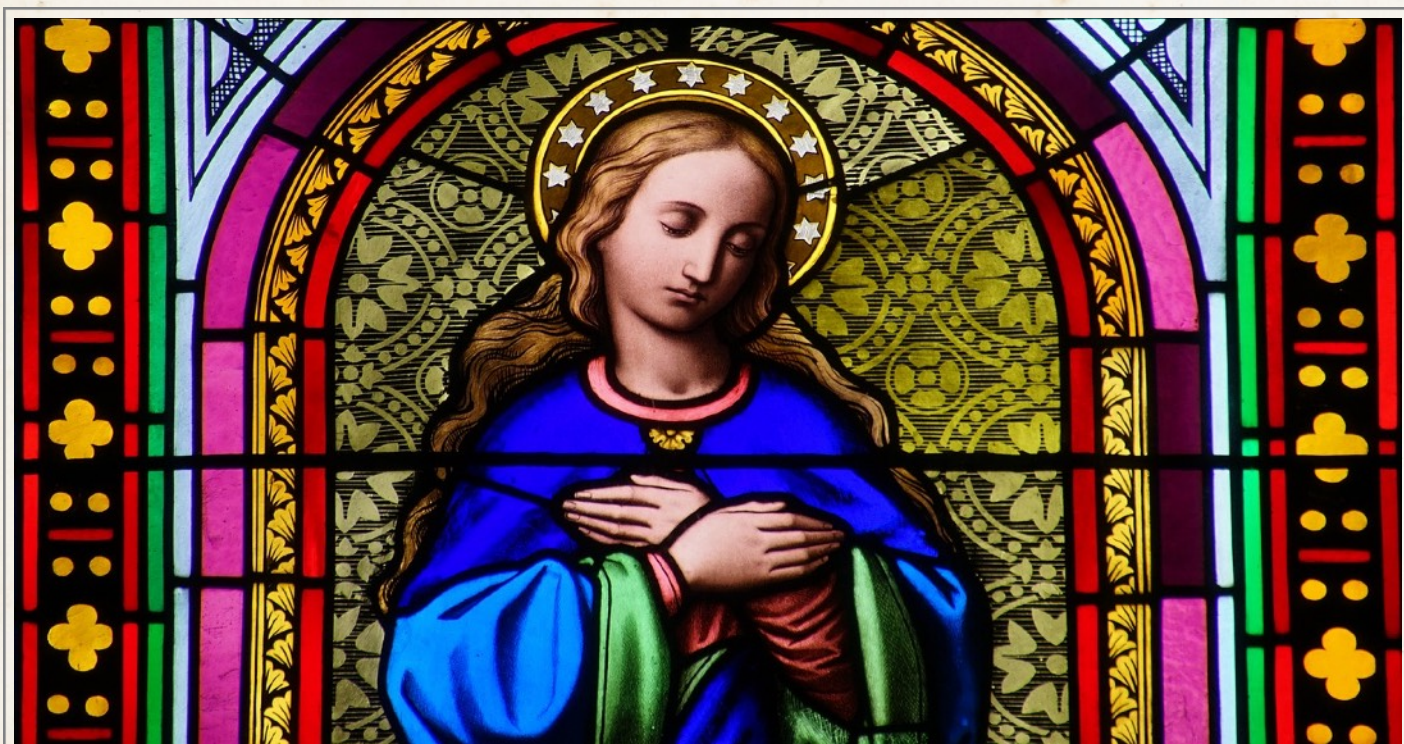
Há vários séculos, Maria Madalena é uma incógnita tanto para os religiosos, quanto para os cientistas, teólogos e até arqueólogos. A ação dessa mulher nas escrituras sagradas instiga a todos sobre qual seria o seu verdadeiro papel dentro dessa que é a maior religião do planeta, e o porquê da sua presença ao lado de Jesus de Nazaré.

No século IV, existiam muitos livros circulando entre os religiosos e a Igreja, mas nem todos foram considerados “autênticos”. Dessa maneira, com o intuito de evitar as chamadas “heresias” e ensinamentos divergentes, a Igreja primitiva decidiu investigar quais daqueles seriam os “verdadeiros”. Cada livro existente na época foi

analisado por um concílio formado por estudiosos e líderes religiosos para averiguar a sua autenticidade. Os livros que deixassem qualquer tipo de dúvida sobre a sua origem foram descartados e somente aqueles que possuíam evidência solidificada de autenticidade fizeram parte dos selecionados para integrar o que conhecemos como Bíblia Sagrada. Os livros excluídos foram denominados apócrifos.

Com o avanço das pesquisas, além dos textos canônicos que eram então as únicas fontes de pesquisa, tivemos acesso aos livros apócrifos e com eles outras perspectivas sobre a mesma história. Esse estudo tem como foco principal realizar uma breve análise da figura feminina de Maria Madalena, por meio da contribuição de textos canônicos e dos livros apócrifos para entender porquê, até os cristãos atuais, acreditam que Maria Madalena foi a mulher purificada pelo Cristo.

No mundo Greco-romano e na Palestina, mais especificamente no período compreendido entre 200 A.C. e 200 D.C., a figura feminina foi marcada pela submissão à sociedade, ao homem e a família. Na sua grande maioria, permaneciam em suas habitações, não podiam falar sem autorização e em muitos casos, nem sequer eram



contabilizadas como cidadãs; ou seja, a mulher não era considerada no bojo da sociedade. Dessa forma, sem nenhuma representatividade como ser humano, viviam a vida a depender de algum homem, do pai, do marido ou filho primogênito. Algumas mulheres que decidiam romper com esses valores e restrições, assumindo funções exclusivas dos homens, eram vistas como masculinizadas. É partindo dessa perspectiva que começamos a falar sobre Maria Madalena e sua importância como ícone indiscutível dentro do Cristianismo primitivo e moderno.

Quem foi Maria Madalena

Pessoas do mundo todo, adeptos ou não ao Cristianismo já ouviram em algum momento da vida, uma ou outra citação sobre seus ícones: Jesus Cristo, José, Judas, os apóstolos, etc. Maria Madalena, ou Maria de Magdala, foi uma figura igualmente retratada nos textos canônicos. Ela é mencionada na Bíblia, no Novo Testamento, nos evangelhos canônicos de João, Marcos, Lucas e Mateus, como uma das seguidoras de Jesus Cristo, sendo apontada como a mais dedicada e devocionada a Ele.

Ficou conhecida como Maria de Magdala, pois, diferente de como acontece nos dias atuais, não existia o conceito moderno de sobrenome. O segundo nome normalmente se tratava de um adjetivo ou local de nascimento e, assim sendo, recebeu como adjetivação o nome da cidade

onde nasceu, localizada no Mar da Galileia no século I, local estratégico e central de comércio e rota internacional, o que favorecia o encontro de todos os tipos de pessoas, religiões e credos.

Outro exemplo mais conhecido é o próprio Jesus de Nazaré, que Maria acreditava realmente ser o próprio Messias, estando presente em vários momentos primordiais como na sua crucificação e no funeral. Na ocasião, foi a primeira pessoa a ver o Cristo ressuscitado, recebendo também a missão de proclamar a Boa Nova.

Observando os evangelhos canônicos de Mateus, Lucas e João, Maria Madalena foi a figura feminina mais importante, sendo mencionada cerca de 17 vezes. Se evidenciarmos os textos apócrifos, ou seja, aproximadamente 20 livros, tanto do Primeiro Testamento quanto do Segundo Testamento podemos identificar um evangelho inteiro atribuído a ela. No evangelho atribuído a Maria Madalena ela é citada não só como apóstola, mas como a líder dos mesmos. Após a ressurreição de Cristo, é através do seu evangelho que ela transmitiu aos demais os seus ensinamentos.

Foi através de outros livros apócrifos que muitas polêmicas e versões diferentes acerca de sua vida, evidenciaram seu papel dentro do Cristianismo e na vida do próprio Cristo. Surgiu assim a figura: mulher, apóstola, santa, prostituta, adúltera, criando um imaginário religioso que fez história.

PROCESSO DE ENTRADA NA ORDEM DO TEMPLO

Juntar-se à nossa Nobre Ordem da Cavalaria Cristã e servir a nosso Senhor Jesus Cristo é uma das maiores honras que podemos ter. Nosso Departamento de Pessoal mantém constantemente as inscrições abertas para entrar em nossos Prioratos, você só precisa acessar nossas páginas da Web: www.chileordotempli.cl no Chile e www.ordemdotemplo-brasil.com no Brasil, seguindo as etapas indicadas em cada página.



Baseando-nos apenas nos evangelhos canônicos não é possível tipificar sua postura familiar, assim como não é possível descrevê-la enquanto mulher, solteira, jovem, viúva ou divorciada; ou mesmo, se por decisão própria, optou por seguir o helenismo e se manter sem um marido, fazendo a sua escolha pela liberdade. Cabe a ressalva que, um casamento nesse período implicava também na aceitação de todas as limitações recorrentes do fato de ser uma mulher e mais uma voz silenciada na concepção. Como a mulher, no período em que viveu Maria Madalena, não só não tinha papel social; também não era considerada cidadã, não podia falar, opinar sobre quaisquer questões, totalmente limitada e impedida de expressar qualquer tipo de identidade. Madalena se manteve a margem da dita sociedade, levando os conhecimentos transmitidos pelo próprio Cristo para aqueles que quisessem.

Os apócrifos segundo o Cânon Sagrado

Para que um texto encontrado seja considerado sagrado, antes se faz necessária uma análise para a confirmação de autenticidade, ou seja, a sua autoria precisa ser atribuída a algum dos apóstolos de Jesus Cristo. Quando não é possível essa identificação, ou mesmo a origem não é atribuída a um deles, esses não fazem parte do cânon que é o conjunto de textos considerados sagrados. Dessa forma, os livros apócrifos são escrituras que em sua grande maioria relatam a vida de Cristo, mas como a origem remete a outros autores, para a maioria das igrejas atuais, não têm inspiração divina.

Segundo Jonas Lopes, Doutor em Teologia e Ciências da Religião, o Cânon foi estabelecido para unificar a fé cristã, delimitar o que era dito sobre Deus e seu filho, e reforçar os seus dogmas. Aqueles textos que segundo a Igreja não tem a autoria de um apóstolo, ou cujo conteúdo seja diferente da narrativa do texto contido na Bíblia, não podem ser considerados sagrados ou



que tenham inspiração divina. Partindo dessa perspectiva, o Evangelho atribuído a Maria Madalena é um livro apócrifo e por isso não pertencente ao Cânon. Contudo, a título de reflexão, até os dias atuais existem divergências entre os cristãos sobre o Cânon Sagrado, levando em consideração que a Bíblia utilizada pelos católicos possui sete livros a mais que a protestante.

Em outro evangelho apócrifo, por Felipe, está escrito: “A Companheira (do Salvador) era Maria Madalena. Ele a amava mais que todos os discípulos e costumava beijá-la na boca. Eles lhe disseram: Por que você a ama mais que todos nós?”. O filme o Código Da Vinci, se inspirou nesse texto para a sua narrativa, indicando Maria Madalena como companheira de Jesus, mãe de seus filhos e, conseqüentemente sugerindo a existência de uma linhagem consanguínea direta Dele.

O evangelho “não Inspirado” de Maria Madalena

Fragmentos do manuscrito do evangelho atribuído a Maria Madalena (apesar da menção apenas à Maria e não a Maria Madalena), foram encontrados no Codex Akhmim no Alto Egito, perto da cidade de Nague Hamadi. Seu idioma original é grego e faltavam as páginas 1 a 6 e 111 a 114. Suas primeiras publicações ocorreram entre os anos 1938 e 1983; embora existam referências mais antigas. No texto fragmen-

tado, talvez em mais uma tentativa da Igreja de supressão da informação, os discípulos fazem questionamentos à Maria sobre a vida e morte do filho de Deus, sendo prontamente respondidos. Grande parte dos textos remete a um diálogo entre Maria Madalena e os discípulos, onde sempre as respostas são dadas por ela.

Com a partida de Jesus, a autoridade de falar aos discípulos teria sido designada a ela, fato que teria iniciado uma vertente que a tinha como fundadora da Igreja e a considerava mais importante que os outros apóstolos. Esse precedente teria se dado, em partes, devido à sua grande habilidade de representatividade da figura feminina ao lado de Cristo. Ela sempre tinha uma palavra para abrandar o sofrimento dos discípulos e os manterem firmes no entendimento dos ensinamentos deixados pelo Cristo.

Nesse evangelho, Maria Madalena fala sobre conhecimentos que teria recebido do Senhor, onde Ele faz a ela revelações referentes a conhecimentos avançados e desenvolvidos sobre a natureza da experiência da alma, após a libertação do corpo físico. Devido à sua gnose, combinação de mística e sincretismo religioso, era a líder, detentora de grande sabedoria. Esse evangelho exemplifica o seu papel de apóstola entre os apóstolos, trazendo a imagem da profetisa, guia e base para os demais, tendo como prisma seu modelo de cristã com toda a sua maturidade espiritual e intuição.

Maria Madalena, ao lado do Salvador, foi o modelo para toda uma civilização e hoje para toda a humanidade, e a maneira como se relacionavam abriu caminho para que outras mulheres pudessem desempenhar funções

parecidas dentro da Igreja e mesmo dentro do Cristianismo.

Seu evangelho é considerado apócrifo ou “não inspirado” pelo único motivo da Igreja não a considerar como apóstola. Mesmo o seu Evangelho sendo considerado “apócrifo”, a Igreja Católica comemora no dia 22 de julho o dia de Santa Madalena. Nesse período é realizada a proclamação do Evangelho de João (Jo. 20, 1-2, 11-18). Nele, Maria Madalena é considerada a primeira pessoa a ver e ter um contato com Jesus após a Ressurreição e, na ocasião, Ele teria dado a ela a missão de contar aos demais o que havia presenciado, a Boa Nova. Mesmo assim, para a maioria das pessoas, incluindo os Cristãos, ela permanece sendo lembrada como a pecadora arrependida.

Considerações finais

Parafraseando Shakespeare, há mais mistérios entre o céu e a terra que a nossa vã filosofia pode supor. Até o advento da internet, o que facilitou o acesso a informação e com ela os muitos questionamentos e versões para a mesma história. Diante de tantos conteúdos divergentes, não é possível dizer com certeza se Jesus teve um envolvimento afetivo com Maria Madalena. Nesse momento, essa afirmativa se faria inconsistente. Contudo, levando em consideração o período em questão, onde o papel e

a existência da mulher na sociedade eram nulos, Ele teve uma atitude muito diferente de todos os homens de seu tempo, tratando a figura feminina com igualdade.

Talvez essa tenha sido a grande mensagem de amor trazida pelo Filho de Deus, a reconciliação da humanidade e que na salvação não existem sexos,



etnias, credos, religião. Para entrar no Reino do Céu não existem privilegiados: somos todos um e iguais perante Ele. A nosso ver, o envolvimento ou não Dele com Madalena, para esse estudo, ou mesmo para esse período histórico em questão não é o assunto prioritário. Contudo, acreditamos que se Ele se uniu a alguém, seguramente essa pessoa foi Maria Madalena.

Finalizando, as fontes literárias disponíveis até o momento e as poucas referências disponíveis sobre Maria Madalena no Novo Testamento, mostram uma mulher diferente de seu tempo, misteriosa e enigmática. Maria Madalena foi a figura feminina mais citada. Mesmo assim, as evidências bibliográficas sobre ela são limitadas e alimentam a imaginação e a criação de uma personalidade tangível, que margeia as mais diversificadas interpretações.

Talvez as muitas distorções na imagem de Maria Madalena ao longo da história tenham se dado de maneira proposital pela Igreja e proporcionais ao tamanho de sua força e do seu legado. Eles apareciam como uma ameaça pelo modelo de sua época, tendo uma imagem obscurecida pelos muitos rótulos atribuídos a sua pessoa. Ela foi vista pelos cristãos de todo o mundo, desde o início da narrativa histórica, como a prostituta arrependida, por iniciativa da Igreja de encobrir o papel desta mulher na vida de Jesus. Seu vínculo estreito com Jesus ameaçava a estrutura planejada para a perpetuação das crenças e os dogmas almejados. Madalena possuía a gnose, sabedoria divina, e a sua voz ecoou alto demais e ecoa ainda hoje. Precisamos rever as nossas origens para eliminar o lastro do machismo que permeiam a nossa sociedade até a atualidade. ✱

“Nesse evangelho, Maria Madalena fala sobre conhecimentos que teria recebido do Senhor, onde Ele faz a ela revelações referentes a conhecimentos avançados e desenvolvidos sobre a natureza da experiência da alma, após a libertação do corpo físico”.



A Respiração e seus Mistérios

Fr+ Sebastián Arratia

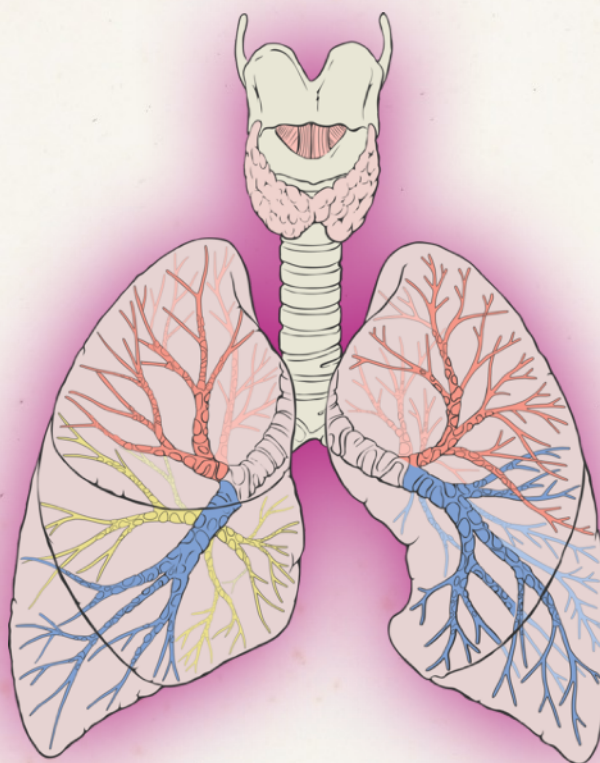
Fr+ Benjamín Pescio

Introdução

Respirar compõe uma parte fundamental, se não a parte primordial, de todas as disciplinas iniciatórias. Toda meditação começa com a consciência da maneira correta de respirar. A partir daí, nasce uma infinidade de práticas, que incluem posições corporais e a execução de diferentes ritmos respiratórios, bem como a preparação de ambientes carregados com essências, vapores e cheiros, e dietas e exercícios para aumentar a capacidade respiratória.

Mas, a verdade é que muitas vezes, o iniciador é a pessoa mais crédula, já que tendo o maior acesso à informação de todos os tempos, ele geralmente se contenta com velhos conhecimentos e práticas, sem analisá-las em relação aos últimos avanços científicos. Os últimos 200 anos trouxeram mais conhecimento sobre o corpo humano do que foi tido em toda a história. Para aqueles que buscam a verdade, é impraticável não usar esse conhecimento para contrastar, complementar, demitir ou aprimorar legados ancestrais.

O objetivo deste artigo é, antes de tudo, expor o que se sabe sobre a respiração em um nível fisiológico, desde a composição do ar, até os órgãos do sistema respiratório e como a própria respiração ocorre em nosso corpo. Em segundo lugar, falar sobre respirar em certas práticas esotéricas, mais especificamente aquelas que fazem parte da sabedoria ancestral da China e da Índia, investigando o profundo sentido do fenômeno de acordo com essas representações simbólicas. Finalmente, é apropriado refletir sobre essa experiência comparativa.



Ar e respiração

O ar é composto por três gases principais: nitrogênio (78,084%), oxigênio (20,946%) e argônio (0,9340%). A porcentagem restante é geralmente considerada "outros gases", e inclui vapor de água, dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e ozônio, além de outras substâncias suspensas como poeira, pólen, esporos e cinzas vulcânicas. Isso significa que apenas um quinto do ar que inalamos é o oxigênio que precisamos.

O oxigênio no ar, como todos sabemos, é processado por nós através de nosso sistema respiratório, um conjunto de estruturas que realizam a troca de gás entre a atmosfera e o sangue. A respiração torna possível a entrada de oxigênio no corpo e, em seguida, ser transportada para os órgãos, de modo que estes, uma vez que o metabolismo celular tenha sido realizado, entreguem dióxido de carbono para o mundo externo.

98% do transporte de oxigênio é realizado combinando com moléculas de hemoglobina. Se todos os locais de ligação deste último estão ligados a uma molécula de oxigênio, então o

sangue é dito ser 100% oxigenado. No entanto, qualquer fator que mude a configuração das hemoglobinas influenciará sua capacidade de vincular oxigênio. As mudanças de temperatura, por exemplo, afetam essa afinidade. Com o calor, a reserva de oxigênio diminui, uma vez que esta última é facilmente liberada, enquanto com o frio acontece o contrário: a afinidade é tão grande que é difícil entregar oxigênio aos tecidos totais do corpo.

Os pulmões, agentes característicos e centrais do processo respiratório, são órgãos leves, fofos e muito elásticos que podem reduzir seu tamanho em um terço. A unidade respiratória do pulmão é a área que é arejada por um brônquio, que por sua vez é dividido em vários dutos alveolares, que se abrem para numerosos sacos alveolares, cada um deles formado por vários alvéolos. O alvéolo é uma bolsa arredondada, aberta de um lado, que tem uma parede extremamente delicada. Há cerca de 300 milhões de alvéolos em ambos os pulmões.

A regulação da respiração é realizada principalmente por ordem dos neurônios motores, que podem ser controlados voluntariamente, com o sistema localizado no córtex cerebral, ou involuntário, com o sistema automático localizado no tronco do cérebro, chamado Centro Respiratório, que ajusta a respiração de acordo com as necessidades metabólicas.

A respiração na filosofia do Tao

Nas correntes orientais e esotéricas, a respiração adquire uma importância vital, pois é o ato com o qual o corpo humano se conecta ininterruptamente com o universo. Em cada ciclo respiratório, não apenas incorporamos ar em nosso corpo, mas toda a essência do que nos cerca. Em outras palavras, não são apenas os elementos químicos desta substância vital, mas também o que conhecemos como "energia" no amplo escopo do termo. Nessa visão particular, há também divisões elementares que têm sido trabal-



hadas de diferentes formas que têm semelhanças interessantes.

A visão de mundo tradicional chinesa contempla uma dualidade intrínseca de fenômenos, contrastantes e complementares, rítmicos e oscilantes que são os Yin e o Yang. Da mesma forma, reconhece no conceito do Tao um caminho de perfeição, um princípio que valida essa dualidade e que deve ser adotado pelo ser humano para alcançar sua plenitude em sua vida. Portanto, a dupla fase da respiração, sendo algo tão pessoal, também representa essa dualidade cósmica.

Quanto à substância de todo o universo, para a sabedoria chinesa antiga, ela é dominada por uma única energia universal, que é conhecida como qi. Trata-se da força por trás de todos os processos vitais; não só respirando em sua faceta dupla, como já mencionado, mas também crescimento e velhice, assimilação e excreção, coesão e dissolução dos componentes do organismo, manutenção do equilíbrio interno e um longo etc.

Dr. Wu Shi Li Chen explica que o papel da respiração é fornecer o qi puro que está contido no ar, e então eliminar o impuro, entendendo qi como a verdadeira fonte de energia para todas as células do corpo, através dos processos de-

scritos acima. Ao passar para a corrente sanguínea, ele se junta aos nutrientes que vêm da digestão e cria o que é conhecido como zhon qi, um estado de energia que alimenta todo o corpo, assim como o wei qi também gerado é a parte que concede proteção e imunidade.

Para a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), os pulmões controlam os mecanismos do qi. Por ser um órgão delicado, no entanto está associado com força e elemento metálico (os cinco elementos da TCM são Fogo, Terra, Metal, Água e Madeira). Ele tem controle sobre o já citado wei qi, o fator qi que está no comando da defesa. Outra característica que vai na mesma linha é sua ligação com a pele, o órgão que serve como escudo e delimitador diante do mundo exterior. O pulmão aqui cumpre a função de regular a abertura e o fechamento dos poros, controlando a temperatura corporal e suando.

Wu Shi Li Chen indica que a insuficiência pulmonar, resultado da má recepção energética, diminui o acolhimento de órgãos, levando a doenças como tosse, dispneia e asma. Por sua vez, a insuficiência energética sustentada do pulmão afetaria os órgãos do elemento Água, que são os rins e a bexiga, gerando outras doenças, entre as quais estão edema e retenção de líquidos. Outro fator que afeta negativamente o pulmão é o pânico e emoções semelhantes, que também podem alterar o suor e até mesmo o equilíbrio das polaridades energéticas Yin-Yang em todo o corpo, acrescenta o especialista.

Respiração e Yoga

Quando se fala sobre doutrinas orientais e sua relação com a respiração, a literatura védica da Índia tem uma menção obrigatória no que se refere à prática do Yoga. Essa disciplina é responsável por combinar os elementos primordiais da energia, quando a respiração é praticada não apenas como elemento químico, mas como fator de vida universal, conhecido genericamente como prana. Esta é a condição energética primordial de todas as formas de matéria.

A prana terrestre que respiramos é apenas uma modificação da prana solar, planetária e cósmica. Devido às condições do nosso planeta, esta prana terrestre adquire duas polaridades, sendo positiva (ativa) durante o dia e negativa (passiva), durante a noite. Atua no ser humano especialmente do "norte" ao "sul", assumindo um caminho de elipse cujo foco para o norte é o cérebro e para o sul, a região sexual. É a coluna que une essas duas regiões do corpo, e as faz circular em duas correntes laterais, que são chamadas Ida (esquerda ocidental) e Pingala (direita oriental), sendo o centro Sushumna. Através da respiração o caráter da prana que inspira o ser humano é reconhecido. Quando é misturado, através de ambas as janelas do nariz, é chamado de neutro e transita através de Sushumna. Quando passa pela janela esquerda é Ida e quando passa pela direita, Pingala.

VIVER DO AR? A PRÁTICA DA INÉDIA

"Inédia" é um termo latino que significa "jejum" ou "abstenção de comer". É também o nome dado à capacidade de viver sem comida e, em alguns casos, sem água. É uma prática com uma longa história de referências, como se pode ver, por exemplo, nos textos religiosos do hinduísmo. O prana ou energia vital contida no ar tornaria esse estilo de vida possível, de acordo com a medicina ayurvédica, de modo que a disciplina da respiração adquire um lugar central. Um expoente bem conhecido foi Prahlad Jani, um monge indiano que morreu no ano passado, que alegou não comer ou beber por 80 anos. Vários cientistas estudaram extensivamente, mas sem chegar a conclusões claras.



Om Lind Schernrezig, professor e proeminente mestre, explica que a prana penetra pelas janelas do nariz, depois se concentra novamente no trigêmeo e de lá passa para brahmarandhra, ou foramen occipital, em que o canal espinhal, chamado brahmadanda, flui. A passagem dos chakras ou centros endócrinos vitais é verificada por meio dos nervos eferentes que saem pelos orifícios de junção da coluna vertebral. "É verdade que o ar passa para os pulmões, mas você tem que observar que a prana é direcionada para Sushumna. Portanto, o importante no fenômeno da respiração não é o ar ou a quantidade de oxigênio que é respirado, mas como ele é respirado através dos narizes", diz Schernrezig.

Desse ponto de vista, entende-se por que as práticas iogues ou meditativas do oriente estão tão ligadas a diferentes técnicas de respiração, especialmente a chamada respiração rítmica, com intervalos de inalação, resistência, exalação e descanso, sempre seguindo um padrão de tempos inteiros e depois médios. Ou seja, se você tiver em quatro vezes, você deve suportar dois, exalar em quatro e descansar dois. Os benefícios desse tipo de respiração são, em primeiro lugar, que permite a incorporação de prana e, por sua vez, dos Princípios Universais. Segundo, a utilidade de dar um ritmo ao próprio corpo, que canaliza a mente e o pensamento para um ponto mais focado. Terceiro e último, permite relaxamento corporal, fluxo sanguíneo correto, controle de sensações e domínio de impressões.

Os Tattvas e a unidade

Entre os tratados filosóficos subsequentes chamados Upanishads, há uma doutrina particular que explica a existência, classificação e funcionamento dos cinco

Tattvas, elementos da vida que formam a substância energética assimilada em cada uma de nossas respirações, e que são de fato os fatores de prana que têm tanta importância na prática do Yoga. Os cinco Tattvas são Prithvi (Terra), Apas (Água), Agni (Fogo), Vayu (Ar) e Akasha (Éter).

Os Tattvas, explica Schernrezig, nascem da Consciência Universal (Alaya), que por sua vez é a Grande Respiração (Prakriti) do Absoluto. São as modalidades funcionais "em princípio" da Consciência Universal, verdadeiras "Potências-Possibilidades". São Parabrahman, o seno infinito do imanente, indiferente, essencial e único; e permitem a manifestação dos chamados iddhis, poderes desse dinamismo primordial ou fundamental, sendo Tattvas expressados fisiologicamente através da mente, sob os impulsos genéricos da consciência, que é o seio onde esses princípios habitam.

Yoga-Tattva-Upanishad, conhecida como a Doutrina Secreta sobre a Essência do Yoga, descreve em grande detalhe a natureza dos Tattvas e sua relação com várias práticas ancestrais. Estes mantêm uma ligação com as regiões do corpo humano: Prithvi domina dos pés aos joelhos, Apas dos joelhos ao ânus, Agni do ânus para o coração, Vayu do coração ao entre as sobancelhas e Akasha daqui até a coroa. Além disso, os Tattvas são um dharana quintuplo, ou seja, pontos de concentração no estado meditativo que, por sua vez, compõem um todo indivisível e permitem alcançar o samadhi, experiência consciente de unidade com o universo.

Diz Yoga-Tattva-Upanishad: "Aquele que é especialista em Yoga deve praticar esses cinco dharanas. Então seu corpo é fortificado e ele não sabe o que é a morte. O homem de mente grande não morre mesmo durante o dilúvio de Brahma. Então ele tem que praticar dharana



por um período de seis ghatikas (duas horas e 24 minutos), restringindo a respiração no Akasha e contemplando a divindade que concede os desejos. É o que eles chamam de saguna dhyana, que é capaz de conferir anima, etc. Aquele que se rende à nirguna dhyana atinge o estado de samadhi. Dentro de pelo menos doze dias, chega ao estado de samadhi. O sábio restringe sua respiração e se torna uma pessoa emancipada”.

Conclusão

As práticas ancestrais que estão ligadas à respiração insistem na importância transcendental desta última, pela absorção da energia universal que implica. Nosso corpo absorve não só o oxigênio necessário para o metabolismo celular, mas também os princípios que compõem a energia universal, seja conceituada como qi ou como prana. Esta combinação é onde está a chave para qualquer prática mental.

Foi visto que a frequência respiratória afeta a ventilação alveolar e que a temperatura corporal modifica a afinidade da hemoglobina com o oxigênio. Quando uma pessoa modifica a frequência da respiração e atribui-lhe um ritmo especial, efetivamente seu corpo difunde uma maior quantidade de oxigênio para os tecidos, de acordo com as necessidades das células, mas a disponibilidade desse oxigênio depende da quantidade de hemoglobina no sangue. Para aperfeiçoar a prática meditativa e a respiração rítmica, torna-se necessário desenvolver um aumento na capacidade respiratória, o que influencia diretamente na capacidade de oxigenação e como as células metabolizam o oxigênio. Deve-se notar, no entanto, que muitos dos exercícios recomendados podem ter um impacto profundo na ventilação pulmonar e alveolar, e portanto é necessário estudar essas modificações em relação à ventilação e difusão de oxigênio.

Por fim, deve-se notar que a respiração é uma ponte entre o interno e o externo. Como a MTC mostra, os pulmões são órgãos delicados que, no entanto, nos permitem energizar nossos corpos e nos defender das adversidades, controlando o fluxo de ar que nos liga ao exterior. Em sua relação com os poros da pele, eles são guardiões da superfície que delimita a diferença entre o "eu" e o universo. Quando a respiração é ativamente tratada, unifica o equilíbrio do corpo e a relação do indivíduo com seu ambiente, levando em conta a influência da boa respiração em nossas capacidades mentais e sobre o que os antigos sábios da Índia chamavam de "poderes". A compreensão desses mecanismos nos levará a alcançar uma respiração perfeita, permitindo a maior fixação dos princípios vitais em nossa mente e em nosso corpo, preservando a harmonia com a boa vida. ✱

“Os Tattvas, explica Schernrezig, nascem da Consciência Universal (Alaya), que por sua vez é a Grande Respiração (Prakriti) do Absoluto. São as modalidades funcionais "em princípio" da Consciência Universal, verdadeiras “Potências-Possibilidades”. São Parabrahman, o seno infinito do imanente, indiferente, essencial e único; e permitem a manifestação dos chamados iddhis”.



Retorno às Atividades Presenciais no GPTC

Depois de mais de um ano e meio de pandemia, aproveitando todas as ferramentas fornecidas pela mídia digital, o Gran Priorato Templário do Chile retorna às atividades presenciais. Isso é possível graças às cifras atuais de infecções no país, que marcam as menores taxas de positividade desde o início da crise. Somam-se a isso as medidas de prevenção adotadas pela Encomienda de Puente Alto, que incluem protocolos de desinfecção, capacidade limitada e realização de uma enquête preventiva, além da obrigatoriedade do uso de máscaras faciais e regime de vacinação em ordem.

Nesta ocasião, o GPTC teve a oportunidade de iniciar sete novos membros que já haviam participado das reuniões online, sob o esquema criado especialmente para manter seu vínculo com a Ordem, até que pudesse integrá-los formalmente em suas cerimônias.

Os oficiais da Encomienda expressam grande alegria por esta recepção, e esperam continuar com os encontros presenciais, sempre com as devidas proteções.

O GPTB Prepara seu Retorno

O Gran Priorato Templário do Brasil vem desenvolvendo suas atividades adaptadas à modalidade remota. Contudo, já está sendo elaborado um plano de retomada das atividades presenciais, mediante o avanço da vacinação no Brasil.

Hoje, a formação de postulantes segue um plano pedagógico específico para o contexto atual de reuniões *online*. Dada a extensão continental do Brasil, esta modalidade possibilita uma interação mais contundente com os postulantes de regiões mais distantes e com as partes interessadas em geral.

Para saber mais, acesse: www.ordemdotemplobrasil.com



**Non Nobis Domine
Non Nobis Sed Nomini
Tuo Da Gloriam**

Ciência e Arte da Astrologia

Fr+ David Díaz

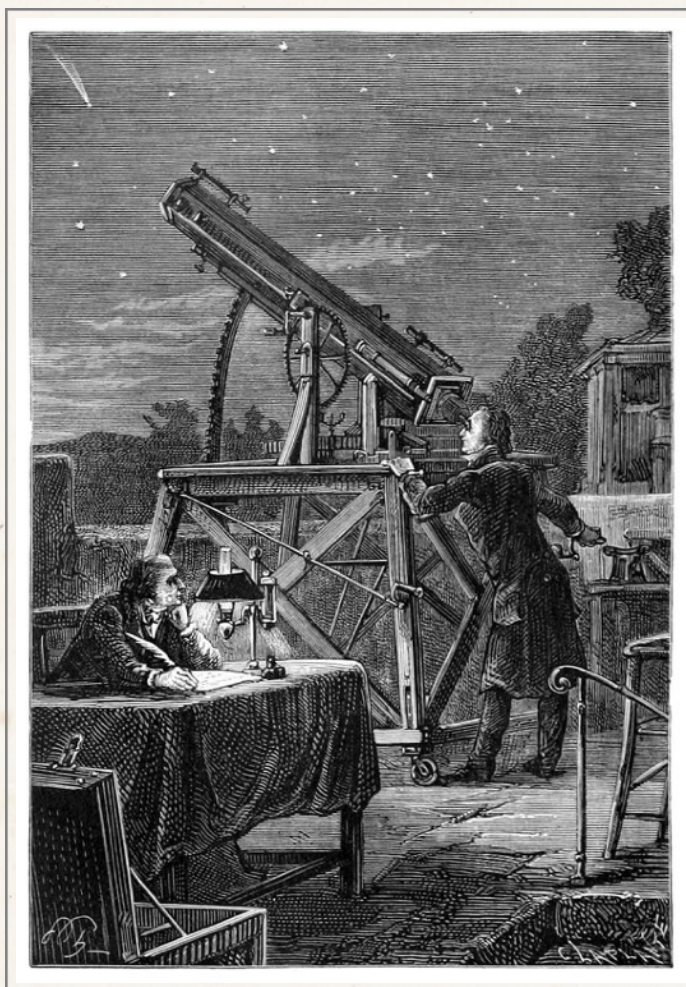
Introdução

Desde o primeiro registro de sua memória, o ser humano tem olhado com grande interesse para o cosmos. Não só por curiosidade, mas pelo desejo de decifrar e entender os maiores segredos que, apesar de velados à mente materialista, estão à mercê do conhecedor que já foi iniciado e busca fazer uso deles. Por isso, este trabalho é elaborado para expor os principais aspectos e características da astrologia. Buscará expor suas diretrizes gerais e algumas práticas em diversas culturas, buscando integrar da melhor forma possível o maior número de elementos que o compõem. Além disso, é necessário indicar que há uma intenção maior na realização deste artigo, ou seja, tentar demonstrar a relação entre essas ferramentas e certos preceitos da Ordem do Templo.

Considerações gerais

Para começar, é necessário entender o que é astrologia. Não é difícil ver, pelo nome, que é um estudo relacionado às estrelas e, portanto, uma ferramenta que nos leva a olhar para as alturas. É o método com o qual apontamos para o grande firmamento que, desenhado como um imenso mapa sobre nós, contém em si um enorme catálogo listado de conhecimentos e caminhos ocultos ou misteriosos. No entanto, ao descrever os elementos da astrologia, muitas vezes há muitas imprecisões e imparcialidades.

A visão cética das questões dessa natureza contempla a astrologia como uma série de crenças e tradições que atribuem significados às efemérides dos planetas e constelações, interpretando-os de acordo com uma suposta correlação com eventos terrestres, por isso é usado como um método de adivinhação. No entanto, aqueles que entram em



seu mais profundo simbolismo, adquirem uma conotação diferente desse conceito. O dr. Oskar Adler expressa em sua definição de astrologia como o "estudo das relações cósmicas, universais e indestrutíveis, de todos os eventos; especialmente, dos eventos humanos na Terra.

Embora ambas as diretrizes proponham a observação do firmamento como método de estudo, elas têm certas diferenças. Em um deles, o elo do engano é delineado, embora omita os corantes mais fanáticos, enquanto no outro, identifica-se o fator que dá uma categoria mais seria: o estudo. É verdade que, independentemente do que a define, essa ferramenta é utilizada para revelar eventos, bem como qualidades e aspectos relacionados ao comportamento e à personalidade, em sua maioria desconhecidos pelo consultor, o que é obtido através da interpretação da posição de planetas e estrelas, concedendo perspectivas e oportunidades de mudança.



História da astrologia

De acordo com a historiografia, a astrologia tem sua gênese na Babilônia graças à intervenção divina e à revelação ou através de intérpretes sábios, dependendo de quem a declara, e de lá expandiu-se por todo o mundo antigo para as escolas de pensamento e iniciação, adquirindo tinges típicos de cada cultura em que foi estudada e aplicada. De outras perspectivas, como a de Michel Gauquelin, a astrologia começou em todos os lugares e existe desde antes do primeiro humano pisar na Terra. Mais do que uma ciência, este autor a considerou a primeira religião.

A astrologia é uma ferramenta que permitiu organizar calendários e estabelecer festividades. Embora este método tenha sido aplicado desde o século VII por árabes que coletaram conhecimento das antigas escolas da Grécia clássica, sua prática e universalização no Ocidente ocorreu desde o século XII. No forte obscurantismo da Idade Média, apesar das limitações que o credo religioso impôs à sociedade em geral, havia um grupo de estudiosos selecionados autorizados a praticar a observação, interpretação e adivinhação de eventos astrológicos em relação à vida terrena. Com o passar do tempo e das mudanças culturais, seus processos e técnicas foram modificados e alguns deixados de lado, especialmente na Renascença, quando o universo foi conce-

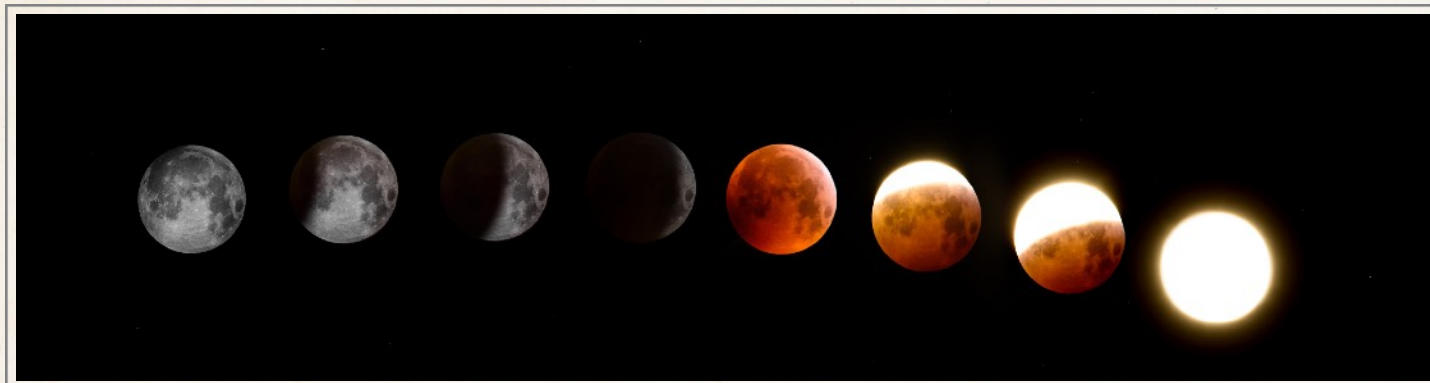
bido mais como um evento físico do que um mitológico.

Existem muitas culturas que conhecemos hoje que deram sentido a toda a sua sociedade e estrutura com interpretação astrológica. Só em nosso continente contamos alguns como, por exemplo, os maias e o conhecimento enigmático que está contido em suas práticas de adivinhação, e os araucanos e sua cosmologia enriquecida, especialmente a do sol como provedor e entidade curativa. Já de outras partes do mundo, podemos citar a cultura egípcia e sua relação quase romântica com as estrelas e a influência dos ciclos do sol e da lua. Também a cultura grega, da qual nossa sociedade ocidental foi enriquecida não apenas por suas escolas e preceitos filosóficos quase universais, mas também por sua cosmologia e personagens mitológicos, que deram nome à grande maioria das estrelas e constelações.

Astrologia como ciência da humanidade

Nos tempos antigos, astronomia e astrologia eram a mesma coisa. Não houve diferenciação entre as duas, como é o caso das técnicas utilizadas hoje. Na ciência moderna, métodos empíricos para determinar fenômenos naturais prevalecem e a astrologia não atende exatamente a esse padrão, apesar de ser uma variante da astronomia, pois é considerada impregnada de crenças e simbolismos. Essa visão prejudica a possibilidade de demonstrar a relação direta entre os movimentos dos corpos celestes e a personalidade de cada indivíduo, pois faltaria método e realidade.

Deve-se lembrar que um dos componentes que encontramos no sangue é o ferro e, como elemento, é um ímã e um condutor que circula por todo o nosso corpo. Se somar a isso que nosso cérebro é um órgão que pode ser afetado por ondas eletromagnéticas e, com isso, consideramos o princípio da eletrização, sob o qual é possível influenciar outros corpos por meio de cargas elétricas, não é tão absurdo pensar que nossa psique pode ser influenciada pela variação de certas polaridades eletromagnéticas exercidas por movimentos planetários.



Elementos astrológicos no ocidente e na Índia

Já foi mencionado que esta ferramenta utiliza a observação estelar e planetária, e que sua metodologia varia de acordo com a cultura. No entanto, há elementos que são mantidos em comum, uma vez que são fundamentais no estudo e não podem ser excluídos.

Primeiro, há os corpos do universo, que são classificados em dois grupos: estrelas fixas e estrelas em movimento. A primeira são as constelações, cuja posição pode ser vista no firmamento com uma periodicidade e ângulos já estabelecidos, e o segundo são os planetas, um termo que significa "errantes". Em segundo lugar, há as casas astrológicas, que representam doze áreas da vida. Finalmente, em terceiro lugar estão os aspectos planetários, cujo significado é dado pelos ângulos dos planetas com os outros e se eles se harmonizam ou não uns com os outros. Em geral, todas essas diretrizes são apresentadas como padrões para definir a personalidade de um indivíduo.

Na astrologia medieval, praticada entre os séculos VII e XV, a base estava nos sete planetas essenciais, que eram o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Como explica Oswald Wirth, todos idealizam um aspecto da personalidade. Assim, o Sol representa criatividade e conhecimento ativo (pessoa em busca de conhecimento); a Lua, a intuição e as emoções (pessoa perceptiva); Mercúrio, movimento e agilidade (multiplicidade); Vênus, para amar e sexualidade (pessoa apaixonada); Marte, a força motriz e o desafio (pessoa cólerica e impulsiva); Júpiter, o pensamento ascendente (pessoa honrífica); e Saturno, a sombra do imóvel (pessoa taciturna). Hoje, a astrologia ocidental também integra

Urano, Netuno e Plutão. Urano representa a originalidade e o imprevisível; Netuno, inspiração e sensibilidade; e Plutão, a transformação.

Visto a partir de um nível psicológico, cada planeta é uma qualidade a ser dominada e controlada. Aspectos não definem o resultado, mas sim nossa capacidade de decidir. Portanto, segundo Michel Gauquelin, tudo começa com Saturno e, à medida que orbitamos o Sol, evoluímos e mudamos nossa frequência planetária para nos tornarmos de nobreza suprema como o astro rei.

Na Índia, por outro lado, os planetas do Septenário já mencionados acima são chamados de "Graha", que significa "centros de energia". Aqui, eles são divididos em um Quaternário e um Ternário, símbolos inconfundíveis de uma existência material e uma existência etérea ou espiritual, mas complementares à existência. Os quatro planetas que representam sabedoria, percepção, força e nobreza (Sol, Lua, Marte e Júpiter, respectivamente), são chamados de deuses; enquanto os três planetas restantes representando astúcia, paixão e inatividade (Mercúrio, Vênus e Saturno), são chamados de demônios. Esta avaliação não faz alusão a um grupo ser bom e o outro não, mas sim aos poderes que compõem a felicidade e a superação.

A astrologia védica nos convida a entender a vida e a saber que nada é condicionado por uma situação externa, mas sim por nossa atitude diante cada oportunidade. Nele, o ser entende que as situações são propícias a agir ou permanecer ainda em um determinado momento, e é precisamente essa condição que determina como nos sairemos em eventos futuros. A interpretação e compreensão do nosso alinhamento planetário é obtida através da meditação constante, o que abre nossas mentes ao

conhecimento inspirado no universo. Não vem do espectro limitado pela percepção de alguém, de acordo com a própria experiência de um problema. Além disso, integra dois "planetas" de caráter espiritual: Rahu (dualidade) e Ketu (prática).

Lendo o horóscopo

Qualquer um que possa observar os elementos da astrologia notará que a Terra não é considerada em nenhum aspecto. A explicação é que a tabela a partir da qual estudamos o firmamento não pode ser estudada, por uma questão de perspectiva. Da Terra, o horóscopo é construído, que leva em consideração esses elementos sob a compreensão de que há um ponto de apoio.

O horóscopo ("*hora*": hora e "*scope*": observação) contempla a observação de acordo com o momento exato em que nasceu para uma interpretação planetária, bem como o local e a data. Isso determina a posição das estrelas abaixo e acima da linha do horizonte do local de nascimento. Além disso, contempla o quaternário zodiacal para reconhecer os diferentes aspectos que definem o possível caminho a seguir. Embora muitos acreditem que são definidos com um signo do zodíaco, a verdade é que existem quatro deles que representam as quatro direções cardeais de cada indivíduo.

O signo mais conhecido é o solar (o eu criativo), mas há também o lunar (o eu emocional), o ascendente (a verdadeira personalidade) e o descendente (a atitude ou ação). A parte mais bonita deste zodíaco é que ele está associado com os solstícios e

equinócios, começando com o grau 0 de Áries em 21 de março no Equinócio de Primavera (o "ponto vernal"), continuando com o grau 0 de Câncer em 21 de junho no Solstício de Verão, seguindo o grau 0 de Libra no Equinócio de Outono, e terminando com capricórnio grau 0 no Solstício de Inverno. São todas datas associadas ao ponto vernal e dando origem ao trânsito dos quatro elementos da vida que são fogo, água, terra e ar, representados por esses signos, respectivamente.

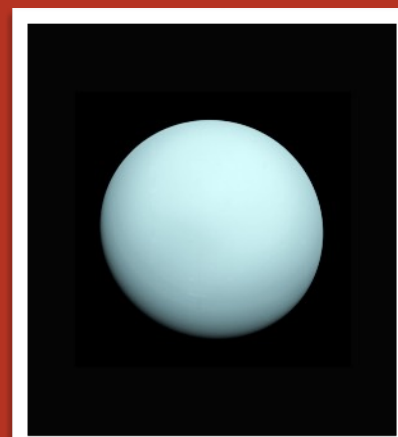
Relação com o cristianismo

No livro de Gênesis, as palavras ditas por Deus: "Façam-se luzes no firmamento do céu para separar o dia da noite. Que sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos" (Gê. 1:14) nos dizem que os corpos são como um guia para a ordem de todas as coisas. Além disso, o livro de Jó dá especial relevância às constelações, elementos chave na interpretação astrológica: "És tu que atas os laços das Plêiades ou desatas as correntes do Órion? És tu que fazes sair a seu tempo as constelações ou conduzes a Ursa com seus filhos? Conheces as leis do céu e regulas sua influência sobre a terra?" (Jó 38:31-33).

Embora muito tenha sido dito, pelos escritos de Paulo, que essas ciências são condenáveis e devem ser proibidas, é verdade que o Evangelho nos dá outro corante. Por exemplo, no nascimento de Jesus há claramente e com grande importância a orientação de uma estrela que leva os Magos para onde o salvador recém-nascido estava. Para muitos estu-

A DESCOBERTA DE URANO

Urano, nome em homenagem ao deus grego do céu, é o primeiro planeta a ser descoberto com métodos sofisticados de observação ... e por acidente. Em 1781, o astrônomo William Herschel o encontrou em seu caminho através das estrelas usando o telescópio. O planeta já havia sido avistado antes; a diferença era que Herschel o reconheceu como tal, ao contrário de outros observadores que o viram sem saber desde 1690. Na astrologia moderna, Urano é o planeta carro-chefe da era em que vivemos. Revolucionário, idealista, tecnológico e às vezes destrutivo, ele é também o regente do signo de Aquário.



diosos, esta estrela não é outro senão Vênus. Já os romanos identificaram Vênus como a estrela mais brilhante e a primeira a ser vista. Sua presença neste relato, segundo alguns astrólogos, refere-se ao fato de que o nascimento de Jesus ocorreu ao amanhecer e não durante a noite como se acredita há muito tempo, simbolismo que o associa como aquele que traz consigo a luz do dia e, portanto, a salvação.

A Ordem do Templo estava ciente de comportamentos astronômicos e astrológicos. Portanto, emulando os grandes edifícios da antiguidade, eles ergueram suas igrejas, capelas e castelos em locais inteiramente relacionados com o espectro astral. Do ponto de vista templário, o que é significativo é conhecer o essencial dessa ciência e suas variantes, a fim de entender que não buscamos "prever" ou jogar "bater o prego na cabeça" num evento quando ela é usada, mas sim apresentar corretamente o ato e a potência: dizer "isso somos" e "isso podemos nos tornar". Ele nos convida a elaborar o próximo nível que esperamos em nosso caminho evolutivo e realizá-lo.

Paulo disse: "Examinai tudo: abraçai o que é bom" (1 Te. 5:21). Nesta linha, não devemos nos fechar para investigar o universo e o conhecimento, nem pré-julgar tudo para justificar o medo ou a negação de algo, mas saber e entender discernir como nosso Mestre disse: "conhecereis a verdade e a verdade vos livrará" (Jn 8:32). Assim também, a compreensão e a compreensão nos afastarão de falsas práticas e professores.

Conclusão

Já foi feita referência, neste trabalho, a uma universalidade em relação à astrologia e outras ciências e cultos. Como se pode ver, cada variante para o estudo da astrologia compreende diferentes metodologias e isso não significa que uma seja melhor que a outra. Pelo contrário, são todos complementares, pois nos levam ao estudo e compreensão do eu.

A prática astrológica de hoje é considerada charlatanismo, o produto do uso indevido por pessoas

inescrupulosas que, em vez de ajudar as pessoas a encontrar uma resposta consistente e um sentido ou guia ao longo do caminho, só lucram com isso. Em contrapartida, é permitido premiar com o respectivo reconhecimento àqueles que não só aperfeiçoá-lo dia após dia, mas também manter viva a chama que lhes é concedida no caminho do conhecimento interno.

Se o assunto for analisado em profundidade, é possível entender que a relação do cristianismo e do Templo com esses grandes conhecimentos é muito próxima. Ao citar a máxima dos sábios astrólogos da antiguidade: "Um sábio domina seus astros; o tolo é dominado por eles". Da mesma forma, o Templário adquire controle sobre si mesmo, olhando para dentro e reconhecendo o universo que existe nele, e então agindo no mundo externo e servindo para a Maior Glória de Deus. ✱

“Visto a partir de um nível psicológico, cada planeta é uma qualidade a ser dominada e controlada. Aspectos não definem o resultado, mas sim nossa capacidade de decidir. Portanto, segundo Michel Gauquelin, tudo começa com Saturno e, à medida que orbitamos o Sol, evoluímos e mudamos nossa frequência planetária para nos tornarmos de nobreza suprema como o astro rei”.

O Poder Mental

Fr+ Claudio Fuentes

Introdução

"Eu não posso dizer o que é esse poder. Tudo o que sei é que ele existe, e só está disponível quando você está no estado mental onde você sabe exatamente o que quer, e você está completamente determinado a não desistir até obtê-lo".

Alexander Graham Bell

Este artigo busca expor sobre o "poder mental", tema muito importante para aqueles que buscam de uma forma ou de outra seu crescimento espiritual. Será abordado a partir de dois pontos de vista, o científico e o esotérico, incluindo alguns exemplos e a relação com a Ordem do Templo. Este trabalho não visa fazer um tratado abrangente sobre os poderes da mente, mas sim um pequeno, mas didático resumo do que significa em contexto.

A mente

O termo "mente" é amplamente utilizado na vida cotidiana: *"Se você quiser resolver este enigma, você terá que usar a mente."* *"Eu já tenho em mente o que eu vou fazer com o dinheiro."* *"Chega de estudo para hoje: minha mente está exausta."* O que significa e de onde vem? "Mente" vem do latim *mens*, e refere-se a uma dimensão ou um fenômeno complexo associado ao pensamento.

De acordo com a Academia Real Espanhola, a mente pode ser definida como o "poder intelectual da alma" e como um "conjunto de atividades e processos psíquicos conscientes e inconscientes, especialmente de natureza cognitiva". É uma faculdade do cérebro que permite ao ser humano coletar informações, analisá-la e tirar conclusões. Pode-se dizer que ela é responsável pela criação de pensamentos, raciocínio, compreensão, memória, emoção e imaginação. Todas as habilidades cognitivas de uma pessoa surgem de seus processos mentais.



É comum a confusão entre cérebro e mente. O cérebro é um órgão que está localizado na cavidade craniana e tem um grande número de neurônios (células do sistema nervoso). A mente, por outro lado, emerge do cérebro como consequência do funcionamento deste órgão. Em outras palavras, o cérebro é o órgão físico através do qual as operações nervosas são realizadas, mas a mente é outra coisa: o conjunto de capacidades que temos que desenvolver como seres humanos.

Os neurônios

Nosso sistema nervoso é feito de uma intrincada rede de células altamente especializadas chamadas neurônios. Geralmente se supõe que após um certo tempo de desenvolvimento da criança, estes não se reproduzem mais, ao contrário do resto das células do nosso corpo. Teríamos um certo número deles ao nascer, que eventualmente morrem por causas naturais ou por lesões cerebrais, álcool, drogas, derrames, etc. Mas estudos recentes mostram que o corpo produziria novos neurônios durante a idade adulta, e até mesmo até o fim da vida. O assunto ainda é uma questão de discussão entre os meios científicos.

As células que compõem todo o sistema nervoso, incluindo o cérebro, podem desenvolver em nós incríveis capacidades mentais. Toda nossa vida mental, emocional, intelectual, motora, bem como o funcionamento dos órgãos do nosso corpo, é controlada pelo nosso cérebro, e só usamos cerca de 10% de sua capacidade. Imagine quanto mais

poderíamos fazer se desenvolvessemos essa capacidade ainda mais.

O poder da mente

De uma perspectiva esotérica, a mente é o primeiro veículo que o Ego tem que se manifestar de seu próprio plano. É composto de matéria do mundo do pensamento e é com essa matéria que envolve suas ideias para criar suas "formas de pensar", que dão origem ao que quer manifestar no mundo físico. Portanto, a mente é o instrumento que o Ego usa para criar através do pensamento, estando em um estado de vigília, e de forma consciente ou inconsciente.

Quanto menos desenvolvimento humano uma pessoa tem, menos poder ele tem sobre sua mente e mais ele é guiado por seus instintos e seus desejos. Quanto mais o ser humano evolui na moral e no espiritual, mais domínio ele tem sobre ele para forçá-lo a agir de acordo com as expressões mais altas do Ego. A mente recebe as impressões do exterior por meio do corpo de desejos e na forma de vibrações ou sons, dependendo do grau de controle.

Diz o Kybalion dos Três Iniciados: "O universo vem da imaginação do Todo, ou seja, o Todo é o criador do universo. Quando falamos de mentalismo, queremos dizer que tudo o que está ao nosso redor, tudo o que podemos ou não podemos ver, existe graças à imaginação do Todo. Isso significa que somos reais dentro do universo, mas não somos reais

do ponto de vista do Todo, já que somos parte de sua imaginação".

O Todo é o que também é frequentemente considerado sob o termo "Deus" ou "consciência universal". É importante levar em conta o princípio hermético do mentalismo, pois dessa forma podemos nos conscientizar da natureza da mente e aplicá-la para o nosso bem-estar e desenvolvimento diário.

Aqui estão dois fatos históricos ligados a estudos sobre o poder mental, conduzidos pelos governos dos EUA (CIA) e seu homólogo na época, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (KGB), sobre pessoas com qualidades incríveis.

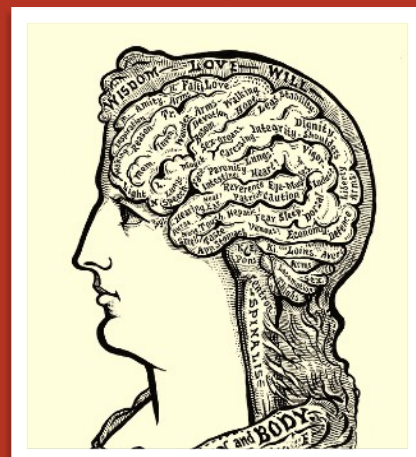
O caso de Nina Kulagina

Há poucos casos conhecidos em que as pessoas demonstram habilidades sobre-humanas, que parecem ter saído de histórias de ficção científica e filmes. Esse é o misterioso caso de Ninel Sergeyevna Milkhailova, mais conhecida como Nina Kulagina. Trata-se de uma mulher russa que se tornou objeto de estudo por ter poderes psíquicos como a telecinese, uma habilidade que lhe permitiu mover objetos com a mente. A mulher foi acusada de fraude, mas a falsidade do assunto nunca foi comprovada. Ela disse que não possuía nenhum poder extraordinário além da força psíquica e concentração.

Nascida em Leningrado em 1926, desde jovem ela parecia ser guiada por algum tipo de instinto especial. Seu marido, um engenheiro naval do Partido

É VERDADE QUE USAMOS APENAS 10% DO NOSSO CÉREBRO?

A teoria de que o ser humano normal usa apenas 10% de seu cérebro é muito popular, mas entre os círculos científicos não passa de um mito. A ciência depende principalmente de dois procedimentos médicos: tomografia por emissão de pósitrons (PET) e imagem por ressonância magnética funcional (fMRI). O resultado? Grandes áreas do cérebro estão sempre ativas, ao realizar tarefas simples e complexas e até mesmo durante o sono. Segundo Britannica, o mito dos 10% vem da indústria americana de autoajuda, mais especificamente do prefácio de *How To Win Friends and Influence People*, publicado por Dan Carnegie em 1936.



Comunista, disse que objetos próximos começaram a se mover quando ela estava com raiva. Kulagina foi examinada em vários laboratórios e institutos, submetida a terapias como hipnose e exames médicos de todos os tipos. Nesta série de estudos a KGB esteve envolvida, através de seus agentes, com o objetivo de avaliar o uso desses poderes no campo da inteligência.

Nina Kulagina provou ser capaz de mover objetos de forma convincente, superando todas as acusações de fraude. Diz-se até que ele foi capaz de manipular o batimento cardíaco de um sapo, mesmo indo tão longe a ponto de pará-los completamente. O caso de Kulagina foi um dos mais reverberantes na parapsicologia em todo o mundo, e sendo levado a julgamento por alegações de fraude, o Tribunal determinou que eram habilidades genuínas. A mulher morreu em 1990, aos 60 anos.

O caso de Uri Geller

Em 2017, ocorreu uma desclassificação maciça de arquivos secretos da CIA, após a pressão de vários ativistas pela transparência, protegidos pela Lei de Liberdade de Informação. Entre as muitas histórias por trás desses arquivos, vale a pena resgatar a de Uri Geller e sua conexão com a agência dos EUA.

Geller era um médium de origem israelense, um personagem bem conhecido na época graças às suas frequentes aparições na televisão, onde ele dobrava colheres com sua mente, entre outras intervenções. Foi incluído no programa StarGate da CIA, que procurou avaliar a percepção ultrassensorial e os poderes psíquicos de alguns seres humanos, que foi usado para prejudicar os soviéticos.

Através de seus experimentos com Geller no Stanford Research Institute, a CIA testou a capacidade de Geller de replicar os desenhos que os agentes fizeram em um quarto isolado. Em entrevista ao jornal Daily Telegraph, Geller confessou que outra agência lhe pediu matar um porco com sua mente. "Eles provavelmente queriam ver se era possível fazer o mesmo com Yuri Andropov, que dirigia a KGB", acrescentou. O programa StarGate chegou ao fim em 1998.

Conclusão

O conhecimento sobre a mente e seu poder é muito importante, embora tenha sido banalizado, relegando-o ao status de mera superstição ou simplesmente cultura pop. O poder mental, como se viu, pode ser abordado do ponto de vista da ciência e do esoterismo, bem como exemplos históricos de potências mundiais que, estando empatadas, experimentaram com ele. Seguindo o ensino do Templo, é possível inferir que as habilidades mentais permitem, sobretudo, aumentar o bem-estar pessoal e coletivo, em todos os níveis. O que pensamos e desejamos, podemos projetá-lo e se for com força suficiente, se tornará realidade. Este conhecimento torna possível que o indivíduo siga a máxima cristã de ser perfeito como nosso Senhor Jesus o Cristo foi, e assim simplesmente servir para a Maior Glória de Deus. ✱

“De uma perspectiva esotérica, a mente é o primeiro veículo que o Ego tem que se manifestar de seu próprio plano. É composto de matéria do mundo do pensamento e é com essa matéria que envolve suas ideias para criar suas "formas de pensar", que dão origem ao que quer manifestar no mundo físico”.

Janela Cultural do Templo:

271 Anos de Bach e a Controvérsia em sua Tocata e Fuga

Jorge Jara

Um artista renomado

Nos mais de 1.200 anos de escrita da música ocidental acadêmica, poucos autores superaram o gênio composicional e a fama de Johann Sebastian Bach. Em termos simples, ele foi provavelmente o compositor mais importante da era pós-iluminista e pós-imprensa moderna. Desenvolvendo sua obra no final do chamado período barroco da música, foi um dos primeiros e mais prolíficos compositores com obras publicadas em vida e postumamente, além de músico profissional contratado em diversas instituições desde seu início sem interrupção até sua morte. Bach foi cantor, organista, cravista, violinista, violista, maestro, diretor de coro, maestro, musicólogo, professor de música, solista, músico de orquestra, maestro de corte, maestro de capela e professor universitário. Ele também foi o membro mais relevante de, talvez, uma das famílias de músicos mais destacados da história, com uma linhagem musical de mais de 200 anos e composta por mais de quarenta músicos e compositores famosos. Ele tinha grande fama como organista e tocador de cravo em toda a Europa e era reverenciado por sua grande e refinada técnica e capacidade ilimitada de improvisar música no teclado.

Seu prolífico trabalho é considerado o auge da música barroca. Os estudiosos identificam em sua música grande profundidade intelectual, perfeição técnica, refinamento estilístico e extrema beleza, além de identificar uma enorme compreensão dos estilos de sua época, refletindo notoriamente o manuseio independente desses estilos em cada peça e sua capacidade de sinte-



tizar e gerar novas propostas destes. Bach é considerado o último desenvolvidor e grande mestre da arte do contraponto, sendo também considerado o ancestral estilístico de todas as gerações subsequentes, sendo diretamente influenciado por compositores da estatura de Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart, Ludwig van Beethoven, Félix Mendelssohn, Robert Schumann e Frédéric Chopin.

Vida e obra de Bach

J.S. Bach nasceu em 21 de março de 1685 em Eisenach (o mesmo ano que Georg Friedrich Händel e Domenico Scarlatti) e morreu em 28 de julho de 1750 aos 65 anos em Leipzig, devido a um acidente vascular cerebral provavelmente causado por complicações decorrentes de uma intervenção cirúrgica falhada em seus olhos. Essa intervenção era a esperança de uma cura para uma doença ocular muito aguda, devido a um diabetes mal diagnosticado que o ameaçava

de cegueira total. Desde 1894, seus restos mortais foram encontrados na Igreja de St. Thomas em Leipzig, onde foi maestro de coro e organista até sua morte. Hoje é chamada de Igreja de Bach. Precisamente em 28 de julho de 2021, 271 anos de sua morte foram completados.

Ele foi educado musicalmente desde muito jovem pelas mãos de seu pai, Johann Ambrosius Bach, seus tios e irmãos, que eram músicos renomados. Posteriormente, ingressou na prestigiosa escola de São Miguel, até 1702. Formou-se aos 19 anos e já trabalhando em sua primeira missão como músico da corte do duque João Ernesto III de Weimar, inaugurou o órgão São Bonifácio e obteve seu primeiro título de maestro de coro. Naqueles anos de juventude fugiu para ter aulas e ser aluno do famoso organista e compositor Dietrich Buxtehude, caminhando mais de 400 quilômetros de ida e volta e ausente quatro meses de seu posto. Isso mostra seu caráter forte e determinado, o que causou severos aborrecimentos de seus empregadores.

Entre as mil anedotas sobre o seu caráter forte, conta-se que, ainda muito jovem, tratou um dos seus alunos de canto como um “fagote preguiçoso”, ofendendo-o tanto que reuniu um

grupo de amigos para espancá-lo. A parte judicial da denúncia e a sentença são documentadas. Curioso será recordar que o encontro tenso, na idade adulta, com Frederico II da Prússia, o chamado Grande, deu origem a uma das obras musicais mais complexas e enigmáticas da escrita até então. Mas esse é um tema saboroso para outra hora.

Bach foi casado duas vezes. Seu primeiro casamento, aos 22 anos, foi em 1707 com Maria Bárbara Bach, até sua morte em 1720. Mais tarde, ele se casou com a soprano Anna Magdalena Bach em 1721. Teve um total de vinte filhos, dos quais nove sobreviveram. Entre eles, Wilhelm Friedemann, Carl Philipp Emanuel, Johann Christian, Johann Gottfried Bernhard, Johann Christoph Friedrich e Gottfried Heinrich também foram músicos e compositores notáveis.

Bach compôs 1128 obras publicadas em sua vida e postumamente, notáveis obras de arte conhecidas por todos hoje, 271 anos após sua morte. Entre os mais conhecidos estão os Prelúdios para Órgão, Invenções, Sinfonias e Partituras para teclado, Sonatas e Partituras para violino, viola da gamba e violoncelo solo, o Livrinho de Anna Magdalena Bach, as Tocatas e Fugas para órgão com sua famosa assinatura. Tocata e fuga em ré menor BWV 565 (BWV = Catálogo das Obras de Bach, sigla em alemão), da qual trataremos posteriormente, Trio Sonatas para órgão, A oferta musical, A arte da fuga, O cravo temperado, Suítes inglesas e Suítes Francesas para teclado, as Variações Goldberg, Os Coros para órgão e para vozes, as Cantatas, o Oratório de Natal "Gottes Zeit ..." e suas obras que você considera serem o ápice: os concertos de Brandenburg, a Missa em si menor, a Paixão segundo São João e a Paixão segundo São Mateus.

Pela qualidade e importância de suas obras para órgão, Bach pode ser considerado o compositor mais conhecido e influente do gênero, sendo atualmente um compositor obrigatório para qualquer intérprete de órgão que se preze. Em sua busca incessante pela perfeição na com-



posição dessas peças, Bach explora as possibilidades do instrumento a um nível que gera aprimoramentos técnicos em construção, organologia, composição, afinação, temperamento, registros e timbres. Além disso, todas as suas composições para teclado, incluindo aquelas para cravo, e mesmo muitas de suas obras instrumentais para trios, duetos e solistas, podem ser executadas no órgão quase inalteradas. De seu catálogo total de 1.128 obras preservadas e publicadas, Bach compõe mais de 400 delas para teclado, das quais aproximadamente 227 são específicas para órgão, o que equivale a aproximadamente 20% de seu catálogo completo.

Das chamadas Grandes Obras para o órgão de Bach, temos 11 volumes de obras. Esse é quase o catálogo completo de Grandes Obras para órgão especificamente, que também inclui os adágios e fugas BWV 531-566 onde a famosa e aclamada Tocata e fuga em Ré menor BWV 565 é inserida, que talvez seja o trabalho mais executado e famoso de todos os tempos.

O mistério da Tocata e da fuga

Arranjos e transcrições infinitos para todos os tipos de instrumentos, incluindo a guitarra elétrica, foram feitos do trabalho de Bach. No século 20, apareceram em trilhas sonoras de filmes de terror e mistério (quem não identifica Tocata e Fuga com Drácula?), Comerciais de TV e rádio e videocliques populares em vários arranjos. Assim, tornou-se familiar e já grudou nos ouvidos de todas as pessoas do planeta. Como uma bola de neve e com seu uso comum insistente, o nome de Johann Sebastian Bach foi incluído na ideologia musical de centenas de milhões de pessoas em todo o planeta.

Desta forma, hoje todos identificam a Tocata e a Fuga em Ré menor com o órgão de tubos do “som sombrio” e com seu legítimo compositor, Johann Sebastian Bach. Alguém poderia duvidar? Acredite ou não, sim! Nos últimos quarenta anos, estranhamente surgiram vozes que ques-

Tocatta and Fugue in D Minor
BWV 565
Johann Sebastian Bach
(1685-1750)

The image shows a musical score for the 'Tocatta and Fugue in D Minor, BWV 565' by Johann Sebastian Bach. The score is for organ and is divided into two sections: 'Adagio' and 'Prestissimo'. The 'Adagio' section is marked with a tempo of Adagio and the 'Prestissimo' section is marked with a tempo of Prestissimo. The score is written for organ and features complex polyphonic textures.

tionam a autoria desta obra, que para piorar as coisas e apoteose da dúvida, não está preservada em uma cópia feita pelo próprio Bach. Nosso conhecimento atual dele vem de uma cópia assinada pelo músico e compositor Johannes Ringk, um aluno de Johann Peter Kernell, que talvez (como outra contribuição para a confusão) fosse apenas supostamente, e não verificável, aluno de Bach, mas que no entanto, ele fez muitas transcrições e cópias de seu trabalho.

A opinião tradicional sobre a Tocata e a fuga, com base nos escritos de Phillip Spitta, o historiador de Bach, é que se trata de uma obra juvenil do maestro Thuringio, ligada à influência dos maestros do norte da Alemanha, especialmente com a *stylus fantasticus* de Buxtehude, que se estendeu entre 1703 e 1707, quando Johann Sebastian tinha apenas entre 18 e 22 anos. O que?! O que hoje é considerada uma obra-prima de Bach foi composta por um adolescente de 19 anos? Começamos a rota da maravilha.

Já em 1893, em um artigo de Eric Lewin Altschuler (autor de "Bachanalia: The Essential Listener's Guide to Bach's Well-Tempered Clavier", um livro sobre Bach e sua obra *The Well-Tempered Clavier*), a possibilidade de que na realidade esta peça era uma transcrição de uma peça original para alaúde. Desde então, outros possíveis originais para violoncelo de cinco cordas, cravo ou violino foram bem-sucedidos. Ou seja, a *Tocata e a Fuga em Ré menor*, não foi composta para órgão?! E o que seria ainda mais intrigante: a própria autoria de Bach foi questionada! Deixa-me respirar.

Um artigo na *Early Music* (julho de 1981), do musicólogo Peter Williams, colocou em cima da mesa uma série de questões que lançaram dúvidas sobre a autoria de Bach e sua escrita original para o órgão. Questões técnicas estranhas à forma regular de composição de Bach, pelo menos levam à conclusão de que, na realidade, estamos lidando com uma peça juvenil para violino transcrita para órgão por Kernell ou Ringk. Indo ainda mais longe, Jonathan Hall, membro da American Guild of Organists and Professional Certification Committee e professor de teoria musical na New York University, argumenta que seu verdadeiro autor poderia ser Cornelius Heinrich Dretzel (1697-1775), um aluno de Bach em Weimar e a quem o *Prelúdio e Fuga BWV 897* também é creditado.

Chocante e difícil de digerir, mas pelo menos ainda sem evidências adicionais e muito difícil de verificar, uma vez que a única fonte existente e não estritamente contemporânea para o *BWV 565 Tocata e Fuga*, é esta cópia sem data acima mencionada de Johannes Ringk. De acordo com a descrição fornecida pela Biblioteca Estadual de Berlim, onde o manuscrito é mantido, e descrições bibliográficas semelhantes, por exemp-

lo, no catálogo RISM (International Repertory of Musical Sources), Ringk criou sua cópia entre 1740 e 1760. Até onde está conhecido, Ringk produziu sua primeira cópia de um Bach em 1730, quando tinha 12 anos.

De acordo com Dietrich Kilian, que editou *BWV 565* para a Nova Edição de Bach, Ringk escreveu sua cópia da *Tocata e Fuga* entre 1730 e 1740. Em seu comentário crítico para o século 21 de Breitkopf & Härtel, edição revisada da partitura, Jean-Claude Zehnder reduz o tempo de origem do manuscrito para meados da primeira metade da década de 1730, com base em uma análise da evolução da escrita de Ringk. Naquela época, e como afirmado anteriormente,

Johannes Ringk era aluno do suposto ex-aluno de Bach, Johann Peter

Kellner, e provavelmente copiou fielmente o que seu professor lhe apresentou. E conjectura-se que Keller provavelmente transcreveu uma partitura original para violino ou alaúde para o órgão. Existem alguns erros no último, como os valores das notas não serem adicionados para completar uma

medição corretamente. Tais defeitos denotam um descuido, considerado típico de Kellner, que deixou mais de 60 cópias das obras de Bach.

De modo geral, uma minoria de estudiosos de Bach questiona a atribuição da peça. Christoph Wolf, que é para muitos a autoridade máxima de Bach, não questiona a atribuição da peça. Trégua! ... Desta forma, na melhor das hipóteses, e para nossa paz de espírito, os argumentos contra a autoria de Bach só podem ser explicados por problemas de estilo musical e de escrita. No entanto, e por fim, ainda não há evidências diretas contra sua autoria, ao contrário de outras obras de Bach ou de outros compositores, nas quais a autoria é muito mais facilmente contestada.



Infelizmente e para aumentar o mistério, não há muito que se possa dizer com certeza sobre o primeiro século de existência desta brilhante composição do cantor de Leipzig, a não ser que a obra sobreviveu a esse período no manuscrito acima mencionado escrito por Johannes Ringk, e que a primeira publicação da peça foi em 1833, na época do renascimento do conhecimento de Bach (foi inexplicavelmente esquecido por mais de um século), graças aos esforços do compositor, pianista e organista Félix Mendelssohn, que reconheceu o trabalho como autoria bachiana e a publicou, paradoxalmente com base, e para maior levantamento de dúvidas, no questionado manuscrito de Ringk. Após sua publicação, o próprio Mendelssohn executou a peça em um aclamado concerto em 1840.

Queria encerrar esta homenagem com audições imperdíveis das mais famosas interpretações desta extraordinária obra, patrimônio musical da humanidade. Estas são as versões mais ouvidas e algumas pouco conhecidas para alaúde, violino, conjunto de guitarra elétrica e, claro, com a mais conhecida interpretação orquestral do filme Fantasia da Disney, na Versão de Leopoldo Stokowski, além da que para nós será sempre o original escrito por Bach, que é a versão para órgão, escrita à mão por três dos grandes organistas dos séculos XX e XXI.

Descanse em paz, Maestro Cantor de Leipzig, 271 anos depois de sua morte, deste ponto da América lhe damos graças, obrigado e mais obrigado por seu legado.



Tocata e fuga em ré menor BWV 565, versão de Hans-André Stamm no Trost-Organ.



Versão para violino de Enrico Onofri (especula-se que seria próxima da suposta versão original escrita por Bach).



Versão para guitarra de Edson Lopes (comparável à suposta versão original para alaúde).



Versão do Sinfony, um grupo espanhol de guitarras elétricas.

Livro em Destaque:

A Ciência em Face do Estranho de P. Duval

Apresentamos aos nossos conceituados leitores, um novo espaço de interesse na Revista Octógono, que busca despontar como foco de luz em nossa região. À medida que a Janela Cultural do Templo continua (e com que espetacular nota sobre Bach), cada nova edição incluirá um livro excelente para estimular sua leitura, com temas semelhantes aos apresentados durante todos esses anos.

Nesta ocasião é "A ciência em face do estranho", do autor francês Pierre Duval, obra publicada em 1975 na coleção "Outros Mundos", da editora catalã Plaza & Janés. O livro nos leva a vários mistérios que a comunidade científica descartou sem mais demora, ou que simplesmente não considerou dignos de estudo.

Pierre Duval é um pseudônimo com o qual o famoso entomologista francês Rémy Chauvin (1913-2009), professor emérito honorário da Sorbonne, especializado em comportamento animal e autor de mais de 250 artigos científicos, além de numerosas obras de síntese e divulgação na este e outros campos. Ele também era conhecido por sua posição extremamente distante da predominante entre os cientistas de sua geração, em questões relacionadas ao fenômeno OVNI -tecnicamente chamado de ufologia- e também sobre o transcendental e o paranormal, bem como por seu antidarwinismo militante. Chauvin foi membro honorário do Instituto de Metapsíquica Interna-

cional (Institut Métapsychique International) e co-fundador da "Liga Francesa pelos Direitos dos Animais".

A obra que hoje nos convoca, e como indica a capa, é uma "Exposição e análise de todas aquelas questões, questões e problemas, fatos e deduções que contêm em si o germe do estranho e do misterioso". O texto está dividido em quatro capítulos com vários subtemas cada um, nos quais são apresentados vários casos que coincidem entre si.

"O estranho para a arqueologia" é o seu

primeiro capítulo, com uma análise de vários eventos à frente de seu tempo em termos de tecnologia e conhecimento, usando como exemplos vários mapas, portulanos, a máquina de Antikythera e Stonehenge. "O estranho nas ciências da vida", seu segundo capítulo, resgata estudos de biologia em meteoritos, plantas estranhas e os chamados monstros como Lago Ness, além de uma fabulosa análise da parapsicologia "Quando o estranho vem do céu". O terceiro capítulo, é sobre astrologia confrontada com estatísticas e sobre o fenômeno

OVNI. "Duas estranhas histórias", o quarto e último capítulo, conta duas histórias sobre Ruggerio Giuseppe Bosovich, um jesuíta autor de obras que escapam ao seu tempo e que merecem uma análise que quebraria várias teorias hoje tidas como verdadeiras.

Convidamos nossos leitores a procurar esta obra na sua livraria mais próxima e, voltando sua curiosidade, fazer uma leitura atenta da qual não se arrependerão.



Processo de Inscrição para a Ordem do Templo Ano 2021

Nossa Augusta Ordem de Cavalaria iniciou seu processo de inscrição, por isso convidamos todos os interessados em nossa Ordem a entrar em nossos sites. Para os chilenos e chilenas, escreva para o endereço www.chileordotempli.cl e faça o download do formulário de inscrição. Para os brasileiros e brasileiras, acesse www.ordem-dotemplobrasil.com.

Convidamos nossos leitores que tiverem dúvidas sobre o processo, para enviá-los para os e-mails reclutamiento@chileordotempli.cl no Chile e para chancelaria@ordemdotemplobrasil.com no Brasil.





OCTÓGONO

Revista Capitular Templária

Gran Prior do Chile: Fr+ David Moreno da Costa
Gran Prior do Brasil: Fr+ Randolpho Radsack Corrêa
Editores: Fr+ Walter Gallegos Cortés
Fr+ Benjamín Pescio Andrade



A Revista Octógono é uma publicação trimestral produzida por membros da Ordem do Templo. Todas as informações disponíveis nesta revista são públicas. Qualquer reprodução de seu conteúdo possui a exigência de indicação da fonte original.

Se você tiver alguma dúvida ou simplesmente quiser entrar em contato com nossa Ordem, envie uma mensagem para cancilleria@chileordotempli.cl (Chile) ou chancelaria@ordemdotemplobrasil.com (Brasil), bem como através da nossa fanpage do Facebook no [Chile](#) ou no [Brasil](#).